

LITERATURA E MÚSICA

Quanto mais a língua tende a seu limite mais se aproxima de uma notação musical e da própria música.
Deleuze & Guattari, *Mil platôs*.

Nos seus primórdios, o que hoje entendemos por literatura não apenas subordina-se à música, como estabelece com ela uma simbiose. É o que nos lembra Segismundo Spina, em *Na madrugada das formas poéticas*, remetendo-nos às origens mágicas e encantatórias da poesia, como nos *griots*, contadores e cantadores de histórias africanos, que nasceram, segundo o mito, da transmissão de uma “linguagem estranha, cheia de imagens e flores”, incompreensível e incompreendida por muitos. Teria sido necessário que essa língua fosse encarnada no canto de um músico para poder enfim ser ouvida e ter lugar na comunidade.

Falar nessa relação *Literatura & música* é, portanto, remeter-se a uma história longa, ancestral, dessas duas artes; a longa história de seus começos, suas interações, sua separação e seus reencontros, e que passa por muitas épocas e culturas. Uma relação que será a todo tempo retomada, refeita, repensada, dos modos os mais plurais.

É essa pluralidade que o presente dossiê busca apresentar, talvez buscando acenar à região desconhecida que Rimbaud acreditava ser acessível apenas à música das palavras ou a essa língua que, dizia Novalis, compunha uma relação musical entre almas, canto e encantamento, doado pelo som, pelo ritmo.

Uma das linhas de força aqui presentes é essa, que explora o potencial encantatório da palavra poética, literária, tanto na poesia quanto na prosa. Seja a partir de reflexões de cunho mais teórico-filosófico, como no caso de “Literatura e música: voz, escuta e reencantamento”; seja nas análises mais cerradas ao texto literário e seus procedimentos de escrita, na proposta de escutas *no e do* texto. São artigos em que a abordagem das potencialidades sonoras da palavra encontra caminhos extremamente frutíferos para aproximações à obra de autores conhecidos por sua prosa sonora. Casos como o de Thomas Mann, presente tanto em “Silenciosa música da prosa? O potencial de performatividade de *A montanha mágica* de Thomas Mann”, como em “Un fonógrafo poderosísimo: La invención de Bioy Casares y los ecos de Thomas Mann”, na relação de Casares com sua obra; Marguerite Duras, numa leitura que analisa, juntamente ao romance, as músicas aí mencionadas, “*O amante da China do*

Norte de Marguerite Duras: a música e sua significância”, e caso ainda de Primo Levi, que comparece no artigo “Ouvidos na enfermaria em um chapéu de três pontas: uma leitura literário-sonora da obra de Primo Levi”.

Nessa exploração da potência sonora da palavra, quatro artigos abordam mais de perto a poesia. Um deles, “Música e literatura em *Pauliceia desvairada* de Mário de Andrade: Uma análise do verso harmônico”, agrega reflexões à teoria marioandradina do verso harmônico, analisando um poeta que não poderia deixar de comparecer quando se trata das relações da literatura com a música. Já os artigos “Lundu imperfeito: o poema-canção ‘Uma orquestra’ de Luiz Gama” e “*Nênia*: a musicalidade nos versos poéticos de Maria Firmina dos Reis” debruçam-se sobre poetas importantes de nossa tradição que, não raro, são esquecidos nas histórias literárias oficiais por suas posições minoritárias e marginais. Por sua vez, “La melodie française comme témoignage d’une réception, le cas d’*Invocation*”, traz a leitura de poemas de uma outra tradição, a francesa, a partir das suas interpretações por parte dos compositores populares.

Neste ponto, estamos na intersecção com outra linha bastante presente no conjunto deste dossiê: a abordagem da canção – em especial, entretanto, a canção popular brasileira. São dez os artigos que se ocupam tanto de compositores, como Chico Buarque, quanto de performers da nossa canção, como Elza Soares ou Gal Costa. Interessante notar a diversidade de abordagens possíveis desse que é um dos nossos patrimônios culturais na sua relação com a literatura. Há textos com um viés mais político, como é o caso de “Feminismo Negro e Interseccionalidade na Canção *Mulher Do Fim Do Mundo* interpretada por Elza Soares”, que traz uma abordagem ao mesmo tempo feminista e antirracista, e de “A Nação Tutelada em *As Vitrines*, de Chico Buarque”, que investiga as intenções políticas implícitas presentes nessa canção composta em 1981 no contexto do processo de redemocratização do Brasil. Há também os textos com um viés mais sociológico, como é o caso de “Fome, Lama e Caos: A Presença dos Homens-Caranguejo no Estuário Poético de Chico Science & Nação Zumbi”, que investiga as relações entre literatura e música no contexto do movimento cultural Manguebit na Recife da década de 1990, e também do artigo “*Mainstream* em Desencanto: Tensões entre a Fase Racional de Tim Maia e a Indústria Cultural” que propõe uma investigação sobre as relações entre uma fase específica da produção de Tim Maia e o mercado.

Por outro lado, há artigos pautados em análises culturais e de performance, como “Melos e Logos: Caetano Veloso e a Crítica do Domínio Público na Poesia Atribuída a Gregório de Matos”, discutindo as relações entre a obra de Caetano e Gregório de Matos no contexto dos estudos sobre o papel social da poesia e da performatividade da canção. E, ainda: “Gal, a Fatal – O Tropicalismo Musical e o Gesto Interpretativo de Gal Costa”, examinando o papel da cantora no

contexto do Tropicalismo, com foco nas questões relacionadas à corporalidade, à interpretação e à performance. Pode-se mencionar aqui a sessão Resenha deste número, também dedicada à canção popular e ao Tropicalismo, trazendo a recém-saída biografia de uma das importantes figuras da MPB: *Tom Zé, o último tropicalista*, de Pietro Scaramuzzo.

Pode-se dizer que esses textos de certo modo dialogam com os artigos de um quarto grupo de pesquisas, mais focadas em questões linguísticas, a partir de análises semióticas ou de procedimentos técnicos, caso de “O Ourives do Palavreado nas Encruzilhadas da Linguagem: Polifonia e Síncope em Aldir Blanc”, que trata das relações sempre muito profícuas entre a poesia e a música na obra deste compositor, e também de “Entre o Contar e o Cantar do Poema-Canção: Uma Leitura/Audição da *Diáspora*, dos Tribalistas”, que discute os diversos agenciamentos entre letra e música que compõem o projeto poético desta canção. Nesta mesma chave de pesquisa sobre as relações entre linguagens, pode-se ler “Intertextualidade e teimosia em *Velha roupa colorida*: diálogos entre *Assum-preto*, *Blackbird* e *O corvo*”, que analisa relações intertextuais na célebre canção de Belchior.

Outra linha presente na amostra plural aqui reunida entre a literatura e a música é aquela que esmiúça processos criativos e problematiza a composição ou a performance. Caso de “*Una mirada desde la alcantarilla*: uma versão vocal do poema homônimo de Alejandra Pizarnik”; de “Subindo o *Morro velho*: notas para a preparação de uma performance”; e ainda de “Ouvido-voz: uma máquina”, que traz uma abordagem interdisciplinar das relações entre ouvido e voz para pensar a criação, com foco na escuta e no solfejo como operação de transdução. Caso ainda do artigo “A música concreta nos anos 1960: do *Poetamenos* aos *long plays* no cenário cultural paulista”, que mapeia momento fundamental de nossa história cultural de confluência entre grupos da música e da poesia, alavancando a produção experimental em ambos os campos.

Por fim, na seção Exercícios de estilo, soma-se ao dossiê o trabalho literário “Entre a pena e a espada (A saga do poeta e aventureiro Luís Vaz de Camões)”.

Editores
Maurício Ayer
Annita Costa Malufe
Rogério Luiz Moraes Costa